



O Centro de Mídia Independente de Tefé: mídias livres na educação e na organização coletiva¹

Pedro Pontes de Paula Júnior²
Guilherme Githay de Figueiredo³
Centro de Estudos Superiores de Tefé
Universidade do Estado do Amazonas

Resumo

O presente trabalho busca compreender como está sendo feita a introdução de novas tecnologias e meios de comunicação nas aldeias indígenas, bairros e comunidades em que atua o Centro de Mídia Independente de Tefé e quais as transformações que estão ocorrendo no decorrer desse processo. Para atingir o objetivo utilizou-se os métodos de história oral e de observação participante. Este estudo abarca uma série de análises sobre a experiência dos voluntários do coletivo e dos grupos com os quais ele vem se envolvendo através de oficinas e de outras atividades

Palavras-chave

Mídias livres; Educação; Organização coletiva

Introdução

Este trabalho é resultado de uma série de estudos sobre o Centro de Mídia Independente de Tefé (CMI-Tefé) e os grupos com os quais tem atuado, do qual participo, realizados ao longo de dois anos de iniciação científica (2007 a 2009) e que já contaram com a publicação de dois artigos completos nos anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia e o da IV Conferência Brasileira de Mídia Cidadã. O presente trabalho busca compreender como está sendo feita a introdução de novas

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na divisão Temática de Comunicação, Espaço e Cidadania, do VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Porto Velho 18 a 20 de junho de 2009.

² Estudante de Licenciatura Plena em Geografia pelo Centro de Estudos Superiores de Tefé da Universidade do Estado do Amazonas (CEST-UEA) e pesquisador pelo Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC-UEA) que é financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). Sou grato ao trabalho de revisão realizado por Francinete Auánario Chota. E-mail: pedropontesdepaula@gmail.com.

³ Mestre em Ciência Política pela Unicamp, professor de antropologia no Centro de Estudos Superiores de Tefé da Universidade do Estado do Amazonas e autor do livro “A Guerra é o Espetáculo: origens e transformações da estratégia do Exército Zapatista de Libertação Nacional”, publicado pela FAPESP e Ed. RIMA em 2006, e do artigo “Vamos ao Baile: gíngas da comunicação e da participação no zapatismo”, publicado no número 72 da revista de cultura e política Lua Nova, do CEDEC, em 2007. Email: gfigueiredo@uea.edu.br.



tecnologias e meios de comunicação nas aldeias indígenas, bairros e comunidades em que atua o Centro de Mídia Independente de Tefé (CMI-Tefé) e quais as transformações que estão ocorrendo com os atores envolvidos no decorrer desse processo.

Este estudo foi realizado com os métodos de observação participante elaborado por Howard S. Becker (1994), e o de história oral de Paul Thompson (1992). A observação participante é definida por Becker (1994) através da inserção do pesquisador na vida cotidiana do grupo pesquisado. O pesquisador deve observar as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. O método de história oral é caracterizado por Thompson (1992) como um instrumento de democratização do passado, já que o mesmo possibilita o registro das memórias individuais, incluindo-se aí os setores marginalizados da população, como os “vencidos” e os analfabetos, geralmente esquecidos e privados do direito de ter a suas histórias de vida registradas.

Destacaremos aqui o estudo realizado a partir das histórias de vida dos cinco integrantes mais ativos do CMI-Tefé, da observação participante em oficinas realizadas nas assembléias do movimento indígena do Médio Solimões (AM), num curso de jornalismo popular desenvolvido em Cantá (RR), por serem aqueles sobre os quais acumularam-se mais dados e análises até o momento, embora sejam apenas uma pequena parcela das ações já desenvolvidas pelo CMI-Tefé.

Da mídia corporativa à mídia alternativa

A mídia cinematográfica, com frequência tem mostrado a mídia corporativa como a dona do poder midiático, com profissionais desonestos que conquistam o sucesso através das desgraças alheias. Figuram nesse contexto filmes como *Cidadão Kane* (1941), *A Montanha dos Setes Abutres* (1951), *A Embriaguez do Sucesso* (1957), *O Quarto Poder* (1997) e *V de Vingança* (2005). O desenvolvimento dos meios de informação sempre estiveram atrelados as relações de consumo e poder. Segundo Gisela Ortriwano (1985):

“A publicidade subvenciona os meios de comunicação de massa e, assim, condiciona todos os seus conteúdos, principalmente a informação. As empresas de comunicação lutaram para salvaguardar sua independência em relação aos governos, sem que percebessem que gradualmente se estavam entregando aos anunciantes”(ORTRIWANO, 1985 p.63).



Na contra mão das práticas monopolizadoras dos meios de comunicação, Bertolt Brecht criou em 1932 a “Teoria de Rádio”, que ressaltava um sistema de comunicação onde todos que tivessem em casa um aparelho de rádio fossem não apenas meros receptores, mas também emissores em potencial. Suas ideias foram endoçadas mais a frente por Enzensberger (1979), que foi além, afirmando ser possível tecnicamente tal feito, que só não acontece pela interferência daqueles que detém o poder:

“Como é natural, a sociedade burguesa opõe-se a essas possibilidades com toda uma bateria de medidas jurídicas. Apela para a inviolabilidade domiciliar, para o segredo comercial e para o segredo oficial” (ENZENSBERGER, 1979 p. 90).

No Brasil os movimentos pela democratização das comunicações pressionaram o governo para criação de um sistema regulamentado de radiodifusão comunitária que levou à criação em 19 de fevereiro de 1998, da lei Nº. 9612, que institui o serviço de radiodifusão comunitária. Porém nem tudo são rosas. Lima e Lopes (2007) revelam que entre os anos de 1999 e 2004 foram outorgadas 2205 rádios comunitárias, sendo possível identificar vínculo político ou religioso em 1106 (50,2%) delas. Os estados que superaram a média nacional de vínculo político ou religioso nas concessões foram Alagoas, Amazonas, Amapá, Bahia, Espírito Santo, Goiás e Minas Gerais.

“Já no início do processo de obtenção da outorga no Ministério das Comunicações fica claro que a existência de um “padrinho político” é determinante não só para a aprovação do pedido como para a sua velocidade de tramitação” (LIMA & LOPES, 2007 p.49).

Segundo o juiz federal Paulo Fernando Silveira (2001) a lei de radiodifusão comunitária é inconstitucional, agredindo vários trechos a Carta Magna que versam sobre o direito à liberdade de pensamento, à informação e a do federalismo. É ainda contrária ao Pacto de São José da Costa Rica⁴, que compromete-se em preservar legalmente os direitos e liberdades do ser humano, além de garantir o seu livre exercício do pensamento. Armando Coelho Neto (2002) insere neste debate a lei ambiental, considerando o espectro eletromagnético um bem ambiental, portanto de “uso comum de todos”.

⁴ Pacto internacional da Convenção Americana sobre Direitos Humanos, adotada e aberta à assinatura na conferência especializada interamericana sobre direitos humanos, em São José da Costa Rica, em 22 de novembro de 1969 e ratificada pelo Brasil em 25 de setembro de 1992.



“Dentro da concepção ambiental, não se pode esquecer das ondas ou do espectro eletromagnético como elementos integrantes do Direito Ambiental. Ele confunde-se com o ar, com a energia, mistura-se ao meio, ao ambiente” (NETO, 2002 p.163).

Para além das discussões legalistas, há aqueles que partem para a luta. A história dos movimentos de resistência global e estudantil revela experiências efetivas de democratização da comunicação.

Nos anos 70 da Europa os movimentos de rádios livres, iniciados sobretudo na França e Itália por aficionados em eletrônica, começaram a perfurar o monopólio estatal das telecomunicações. No Brasil dos anos 80, a Rádio livre Xilik foi pioneira no cenário das universidades públicas, tendo sido criada por estudantes e professores da PUC-SP e da USP. Usando um singelo transmissor de 6 watts montado dentro de uma panela, mais tarde trocado por um de 40 watts, tinha o objetivo de divulgar o pensamento das rádios livres, e serviu de inspiração para o surgimento de novas rádios, algumas montadas com transmissores emprestados da própria Xilik (NUNES, 1995).

Na virada do milênio o movimento de resistência global deu impulso ao combate à mídia corporativa. Em um encontro de mídia alternativa foi criado um site com um banco de dados multimídia de publicação aberta a quem quer que o acessasse com o intuito de servir para a troca de informações sobre os protestos contra a Organização Mundial do Comércio (OMC) em Seattle no ano de 1999. Esta ação fez tanto sucesso que acabou por se replicar por centenas de cidades do mundo, surgindo assim a rede internacional *Indymedia*, que no Brasil recebe o nome de Centro de Mídia Independente do Brasil ou CMI-Brasil (ORTELLADO & RYOKI, 2004). Burger (2004), afirma que o CMI é um dos meios mais sólidos de utilização da tecnologia para divulgação de informação, devido permitir que cada pessoa conectada a internet produza conteúdos noticiosos, “a produção da mídia ao alcance de todos”.

O site do CMI-Brasil⁵ começou em dezembro de 2000 e, desde então, coletivos têm se espalhado por todas as regiões do país. Em Tefé, município do estado Amazonas com mais de 70 mil habitantes e classificado como de “responsabilidade territorial”⁶

⁵ www.midiaindependente.org

⁶ “Exerce uma função na rede que vai além das suas características em si, pois detém uma responsabilidade territorial que a torna um nódulo importante internamente na rede. Exerce diversas funções urbanas e contém diferentes arranjos institucionais que são importantes não só para o município, mas principalmente para as cidades e municípios ao seu redor. A importância territorial da cidade tem origem no desenvolvimento histórico-geográfico que constituiu a rede urbana nesta região. Normalmente o desenvolvimento econômico desta cidade tende a agregar valor na região”. (SCHOR; COSTA; OLIVEIRA, 2006).



sobre a região do Médio Solimões, um pré-coletivo do CMI começou a ser organizado em 2006 por iniciativa de acadêmicos da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Desde então o CMI-Tefé tem atuado com uma rádio livre, a rádio Xibé, um site de publicação aberta (<http://xibe.radiolivre.org>), software livre, jornalismo popular, produção áudio-visual e oficinas voltadas a vários públicos. Em sua mais numerosa fase o coletivo contou com mais de trinta voluntários, em sua maioria estudantes e jovens de movimentos culturais de Tefé que participavam especialmente da rádio Xibé. A rádio livre Xibé foi ao ar pela primeira vez no dia 27 de outubro de 2006, neste momento as transmissões foram realizadas nas dependências do CEST-UEA.

Todavia é somente no dia 7 de setembro de 2006 que a rádio começa a repercutir efetivamente na sociedade local através de suas transmissões, a rádio participou ao vivo de uma audiência pública realizada na câmara dos vereadores, a audiência tratava dos constantes problemas de energia elétrica na cidade de Tefé.

No dia 1º de dezembro, o coletivo deu início a 1º maratona de oficinas de mídia Democrática em Tefé, a atividade constituía-se na realização de oficinas de democratização dos meios de comunicação nas escolas públicas da cidade, ao todo cinco escolas estaduais participaram da maratona.

Desde então o coletivo têm trilhado novos caminhos e realizado inúmeras ações para o desenvolvimento da democratização da comunicação na região, processo este de extrema complexidade quanto aos seus efeitos que é analisado em parte nesse trabalho.

A trajetória dos voluntários do CMI-Tefé

Para compreender os processos de mudança social engendrados pelo CMI-Tefé, adotamos como primeira estratégia o estudo de cinco histórias de vida de seus voluntários mais ativos. Os dados foram organizados em categorias de análise, das quais iremos destacar as que tiveram a capacidade de abarcar as dimensões mais abordadas pelos entrevistados: participação política, acesso a tecnologias, sociabilidade e oportunidades profissionais.

Houve um aumento considerável da participação política após o início do envolvimento dos jovens no CMI-Tefé. Todos os entrevistados relatam que passaram a se envolver mais com causas sociais diversas, como por exemplo: a participação no Diretório Regional dos Estudantes, em fóruns nacionais de desenvolvimento das cidades e em ONGs voltadas a preservação do meio ambiente. Prática esta ligada sobretudo



porque a crítica da mídia corporativa presente na experiência do CMI contribui para o despertar da reflexão crítica sobre outras dimensões da vida social e suas possibilidades de transformação.

O desenvolvimento das atividades do CMI-Tefé facilitou o acesso à produção cultural e à manipulação de novas tecnologias como internet, computadores, filmadoras, gravadores de áudio e etc., o que implica em oportunidades maiores de intervenção no meio social, já que o acesso a tecnologias está sendo desmistificado, sendo dado a eles novos usos e objetivos.

A participação dos entrevistados no coletivo está modificando as suas relações com outros meios sociais. Especificamente quanto à sociabilidade, três entrevistados falaram que antes de entrar no coletivo eram “tímidos”, e que a experiência de participação na rádio passou a estimular o interesse e o envolvimento maior com a comunidade universitária, a vida política do município, ONGs e etc.

Nas atividades realizadas pelo CMI-Tefé são desenvolvidas várias ações que contribuem na formação educacional e profissional dos jovens que delas participam. Praticam-se a escrita, a fala, o manejo de equipamentos eletrônicos, hardware, software, habilidades diversas para o trabalho em equipe ou para lidar com os sujeitos das oficinas. Num contexto em que faltam profissionais qualificados para o manejo das novas tecnologias, esta experiência confere aos voluntários um prestígio especial e abre oportunidades profissionais nas instituições da cidade.

A integração com o movimento indígena

O processo de introdução de utilização democrática das tecnologias de comunicação e informação (TICs) no movimento indígena começa a partir da atuação do CMI-Tefé junto ao movimento. Esta atuação começou quando o movimento indígena do Médio Solimões levou à UEA a demanda pela realização de trabalhos de extensão e pesquisa em 2007. Como resposta, diversos professores levaram projetos para a terra indígena Barreira da Missão e, sendo o CMI-Tefé parceiro do projeto “Mídia e Cidadania”, levou sua proposta de trabalho aos povos indígenas Ticuna, Cambeba e Cocama através de uma reunião realizada no dia 11 de agosto de 2007. Esta proposta foi aprovada e oficializada como parte integrante do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia em Tefé” (PNCSAT). Desde então o CMI-Tefé tem agido nas comunidades de diversas maneiras, especialmente através de oficinas e participando das atividades do



movimento indígena. Acompanhamos duas assembleias do movimento indígena realizadas no mês de novembro de 2008, a V Assembleia da Associação Cultural dos Povos Indígenas do Médio Solimões e Afluentes (ACPIMSA) e a I Assembleia da Associação das Mulheres Indígenas do Médio Solimões e Afluentes (AMIMSA). O CMI-Tefé participou de ambas levando a Rádio Livre Xibé, que transmitiu ao vivo tudo o que era dito nos microfones em frequência modulada: as discussões, apresentações de trabalhos científicos, palestras, votações e apresentações culturais. A transmissão foi feita FM⁷ na frequência 106,7.

A assembleia da ACPIMSA foi marcada pela participação de várias etnias da região do Médio Solimões. Foi feita a prestação de contas dos projetos realizados nas comunidades indígenas, palestras de pesquisadores convidados e a eleição da nova diretoria. No decorrer do evento membros da diretoria da ACPIMSA faziam o registro das atividades utilizando máquinas fotográficas e filmadoras que foram compradas graças ao PNCSAT. Mesmo com a utilização de TICs os participantes não se inibiram em participar das discussões e expor as suas opiniões.

Aproveitando a estrutura e organização da assembleia da ACPIMSA, no dia seguinte as mulheres indígenas realizaram a sua primeira assembleia. A organização de mulheres indígenas já é antiga na região, porém nunca uma associação havia sido legalizada. Por isso assembleia das mulheres procurou definir o estatuto e eleger a nova diretoria. As líderes indígenas empossadas utilizaram a rádio para legitimar a identidade indígena feminina, as indígenas também utilizaram a rádio para entrevistar si próprias, tal processo serviu para integrar as mulheres de outras aldeias e mobilizar todas na luta pelos seus direitos, inclusive na elaboração de projetos.

O curso de Jornalismo Popular e Rádio Comunitária

O coletivo do CMI-Tefé tem utilizado de oportunidades oferecidas por projetos governamentais e não governamentais para intensificar as suas ações. Em 2009 começou o ano participando da Operação Centro-Norte do Projeto Rondon, propondo a realização do Curso de Jornalismo Popular e Rádio Comunitária.

⁷ Frequência Modulada.



O Projeto Rondon foi criado no ano de 1967 e foi desativado em 1989, retornando somente em 2003 por solicitação da União Nacional dos Estudantes (UNE). Atualmente o projeto tem como objetivo a integração entre as regiões do país, assim universitários são deslocados para regiões distantes dos seus locais de origem para desenvolver atividades de extensão vinculadas à cidadania, bem-estar, desenvolvimento sustentável e gestão pública. A intenção é que se formem multiplicadores para atuar nos municípios a fim de mudar a realidade local. Para participar do projeto, as universidades interessadas devem enviar propostas de trabalho ao Ministério da Defesa, que abre edital todos os anos. Este ano a UEA foi selecionada para participar, e foi como parte de sua proposta de trabalho que encaixou-se o curso preparado pelo CMI-Tefé. A UEA convidou o CMI-Tefé após identificar, no município de Cantá, a demanda dos moradores locais por meios de comunicação. O município fica bastante próximo da capital do Estado, Boa Vista, mas não possui rádios e TVs próprias, sendo que todos os sinais eletromagnéticos propagados na cidade são oriundos de Boa Vista.

O curso foi realizado primeiramente na comunidade de Felix Pinto, durante os dias 02 e 03 de fevereiro, com a participação de 40 moradores. Na sede do município de Cantá foi de 9 a 11 de fevereiro, e participaram 42 moradores. No total foram 82 comunicadores populares formados que, segundo os objetivos do curso, devem tornar-se multiplicadores dos conhecimentos adquiridos.

O curso teve duas etapas: na primeira foi trabalhada a história do rádio no Brasil, do seu surgimento na década de 20 como “rádios sociedades” até a sua emergência enquanto importante “meio de comunicação de massa” com a influência política e econômica que ainda existem atualmente, e a necessidade de sua democratização. Tratou-se das rádios livres, comunitárias, e dos seus papéis na sociedade e para o desenvolvimento local. Na segunda etapa foi destacada a produção de textos jornalísticos, de modo a preparar os comunicadores para a utilização da rádio como instrumento de produção local de notícias.

Ao longo da realização do curso nas duas localidades, foi marcante o grande interesse dos moradores, especialmente das mulheres, que foram responsáveis por pouco mais da metade dos inscritos. Cerca de 70% dos inscritos eram jovens estudantes do ensino médio, alguns deles no terceiro ano. Ao avaliar o curso, os que eram formandos no ensino médio (onze deles) afirmaram que antes não sabiam o que prestar no vestibular, e com o curso decidiram prestar para jornalismo.



Diante das facilidades expostas durante o curso sobre a construção de transmissores em frequência modulada, um dos participantes do curso na sede de Cantá procurou um técnico em eletrônica da cidade para conferir a realidade da informação e, no outro dia, ele voltou ao curso com um mini-transmissor construído de forma artesanal dentro de uma caixa de fósforo. O transmissor foi testado nos intervalos do curso pelos participantes. Nota-se neste evento a interessante descoberta, pelos moradores, de que parte dos conhecimentos e tecnologias necessárias para atender à sua demanda já estavam disponíveis na cidade.

De modo geral 100% dos participantes qualificaram a atividade como muito boa, pois vai de encontro com uma das principais necessidades do município. Quanto aos aspectos negativos, foi unânime a reclamação por mais dias de cursos. Um dos resultados mais importantes foi a decisão dos moradores da sede do município de criar a Associação Comunitária de Moradores de Cantá, tendo como principal objetivo a arrecadação de recursos para a compra de equipamentos para a rádio comunitária do município. Pode-se dizer, assim, que o curso estimulou o associativismo e a organização local para os interesses dos comunitários.

No último dia de Projeto Rondon no município foi organizada pela prefeitura uma cerimônia de encerramento das atividades, onde foram entregues aos rondonistas certificados reconhecendo os seus trabalhos e onde também foi aberto espaço aos moradores para fazerem uso da palavra. Na oportunidade o senhor Wilson Silva Santos, de 39 anos, deu um depoimento emocionado falando que a sua participação no curso lhe incentivou a voltar a estudar. Wilson era semi-analfabeto e tinha dificuldade nos exercícios que exigiam a escrita.

Dessa forma, podemos concluir que a realização do curso no município de Cantá contribuiu para a transformação nas relações sociais vividas no cotidiano local, com destaque para o estímulo à educação, a abertura de perspectivas profissionais, a valorização dos conhecimentos e tecnologias já dominados localmente, e o estímulo ao associativismo e à organização comunitária.



Considerações Finais

Comparando as dimensões abordadas nas várias etapas desta pesquisa, notamos que alguns processos são comuns a todas elas, destacando-se os ganhos educativos, o acesso a tecnologias (ou valorização de tecnologias já existentes, como em Cantá) e, sobretudo, a maior participação política ou o fortalecimento organizativo.

Enzensberger (1979) destaca que toda produção midiática que tenha por objetivo os interesses dos produtores pressupõe um método coletivo de produção, sendo assim uma forma de organização frente às necessidades sociais. Assim, verificamos que o trabalho desenvolvido pelo CMI-Tefé desencadeia processos virtuosos em que ganhos similares ocorrem para seus voluntários e para as populações envolvidas em suas ações. Estes ganhos, por sua vez, estão associados ao fortalecimento da organização local e da solidariedade entre os grupos. Tendo em vista tantos benefícios, espera-se que iniciativas como essas do CMI-Tefé sejam levadas em consideração no repensar das políticas dos meios de comunicação.

Referências bibliográficas

BECKER, S. Howard. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

BURGER, Marcelo Wanderley. *Centro de Mídia Independente: ativismo político na internet e ação direta nas ruas*. 2004.114f. Dissertação (Mestrado em Comunicação)- Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Elementos para uma teoria dos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

LIMA, Venício; LOPES, Cristiano. *Rádios Comunitárias: Coronelismo eletrônico de novo tipo (1999-2004) as autorizações de emissoras como moeda de barganha política*: Projor, 2007.

NETO, Armando Coelho. *Rádio Comunitária Não é Crime*. Direito de Antena: o espectro eletromagnético como um bem difuso. São Paulo: Ícone Editora, 2002.

NUNES, Marisa Aparecida Meliani. *Rádios Livres: o outro lado da voz do Brasil*. 1995. 86f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)- Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.



ORTELLADO, Pablo; RYOKI, André. *Estamos Vencendo!:* resistência global no Brasil. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio:* os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 5.ed. São Paulo: Summus, 1985.

PAULA JÚNIOR, Pedro Pontes; FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy. *Centro de Mídia Independente de Tefé e a Organização das Atividades:* nova forma de fazer militância. IV Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, Recife, Outubro 2008.

PAULA JÚNIOR, Pedro Pontes; FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy. *Transformação e Reprodução Social na Experiência do Centro de Mídia Independente de Tefé.* ABA – Associação Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, Junho 2008.

SCHOR, T.; COSTA, D.P.; OLIVEIRA, J.A. *Notas sobre a tipificação da rede urbana na calha do rio Solimões, Amazonas.* Manaus: NEPECAB/UFAM, 2006.

SILVEIRA, Paulo Fernando. *Rádios Comunitárias.* Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado:* história oral. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.